

Desenvolvimento econômico e estagnação da economia brasileira: diagnóstico e perspectivas

André Nassif
Departamento de Economia,
Universidade Federal Fluminense (UFF)

andrenassif27@gmail.com

Palestra no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ), Rio de Janeiro, 1º de novembro de 2019.

- 1) Fatos estilizados sobre produtividade, crescimento econômico e estagnação
- 2) Brasil: do crescimento à estagnação econômica
- 3) Conclusão e sugestões de política econômica

*Productivity isn't everything, but in the long run it is almost everything. A country's ability to improve its standard of living over time depends almost entirely on its ability **to raise** its output per worker.*

Paul Krugman, *The age of diminished expectations*. The MIT Press, 1994.

Fatos estilizados sobre produtividade, crescimento e estagnação econômica

1) Crescimento da produtividade depende de fatores ligados tanto à oferta como à demanda no longo prazo (oferta de mão de obra/acumulação de capital/progresso técnico; decisões de investimento; demanda de exportações, etc.) – Solow (1956), Romer (1986); Kaldor (1966).

2) Desenvolvimento como mudança estrutural: deslocamento de recursos (trabalho) do setor de baixa produtividade (agricultura) para os de elevada produtividade (indústria de transformação) – Lewis (1954).

3) Setor industrial como motor dinâmico do crescimento da produtividade manufatureiro e também da produtividade média agregada.
(Kaldor, 1966)

Razão: indústria de transformação sujeita a economias de escala estáticas e dinâmicas; mesmo que a economia global esteja se transformando em uma “economia de serviços” (revolução digital), os segmentos de serviços de maior intensidade tecnológica não estão dissociados do setor manufatureiro propriamente dito: é preciso manter sinergias entre ambos.

Fatos estilizados sobre produtividade, crescimento e estagnação econômica

4) Qdo um país em desenvolvimento atinge estrutura de economia madura, ocorre desindustrialização “natural” (recursos deslocam-se do setor industrial para o de serviços, notadamente para os segmentos mais sofisticados) – Kaldor (1966).

5) Se tal deslocamento ocorrer antes de tal estágio, haverá desindustrialização “prematura”, com queda das txs de crescimento da produtividade e estagnação econômica – Palma (2005).

6) Na situação anterior, a estagnação econômica só não ocorreria se tais recursos fossem deslocados para os segmentos tecnologicamente sofisticados do setor de serviços (e com sinergias destes com a indústria de transformação) – Palma (2005).

7) Lei de Thirlwall – Thirlwall (1979, 2011):

$$\frac{\hat{Y}_S}{Y_N} = \frac{\varepsilon_X}{\pi_M}$$

Onde: \hat{Y}_S crescimento dos países em desenvolvimento do Sul;

Y_N nível de renda alcançado (em média) pelos países desenvolvidos do Norte;

ε_X elasticidade-renda das exportações do Sul;

π_M elasticidade-renda das importações do Sul

8) Desenvolvimento não resulta de laissez-faire e livre-comércio incondicional, mas de políticas industriais e tecnológicas harmonizadas com políticas macroeconômicas consistentes – Wade (1990), Amsdem (2001), Chang (2003), Mazzucatto (2015).

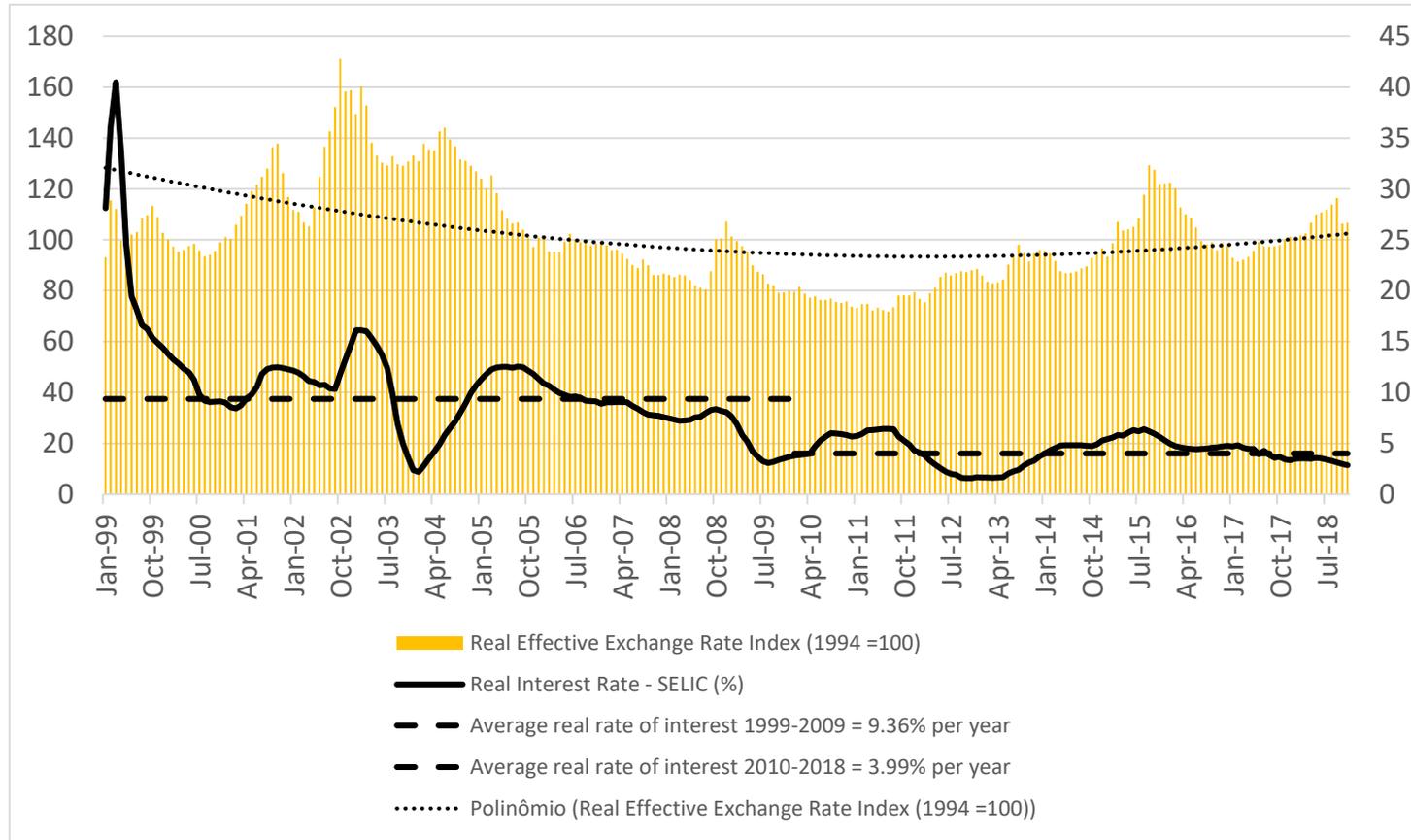
Fatos estilizados sobre produtividade, crescimento e estagnação econômica



4) Preços macroeconômicos devem estar “alinhados” com a política industrial orientada para o desenvolvimento: taxas de juros reais compatíveis (preferencialmente abaixo da taxa de retorno média sobre os capitais) e taxas de câmbio reais “competitivas” (MOEDA NÃO DEVE FICAR SOBREVALORIZADA TENDENCIALMENTE) – Bresser-Pereira (2007; 2016); Bresser-Pereira, Oreiro e Marconi (2016).

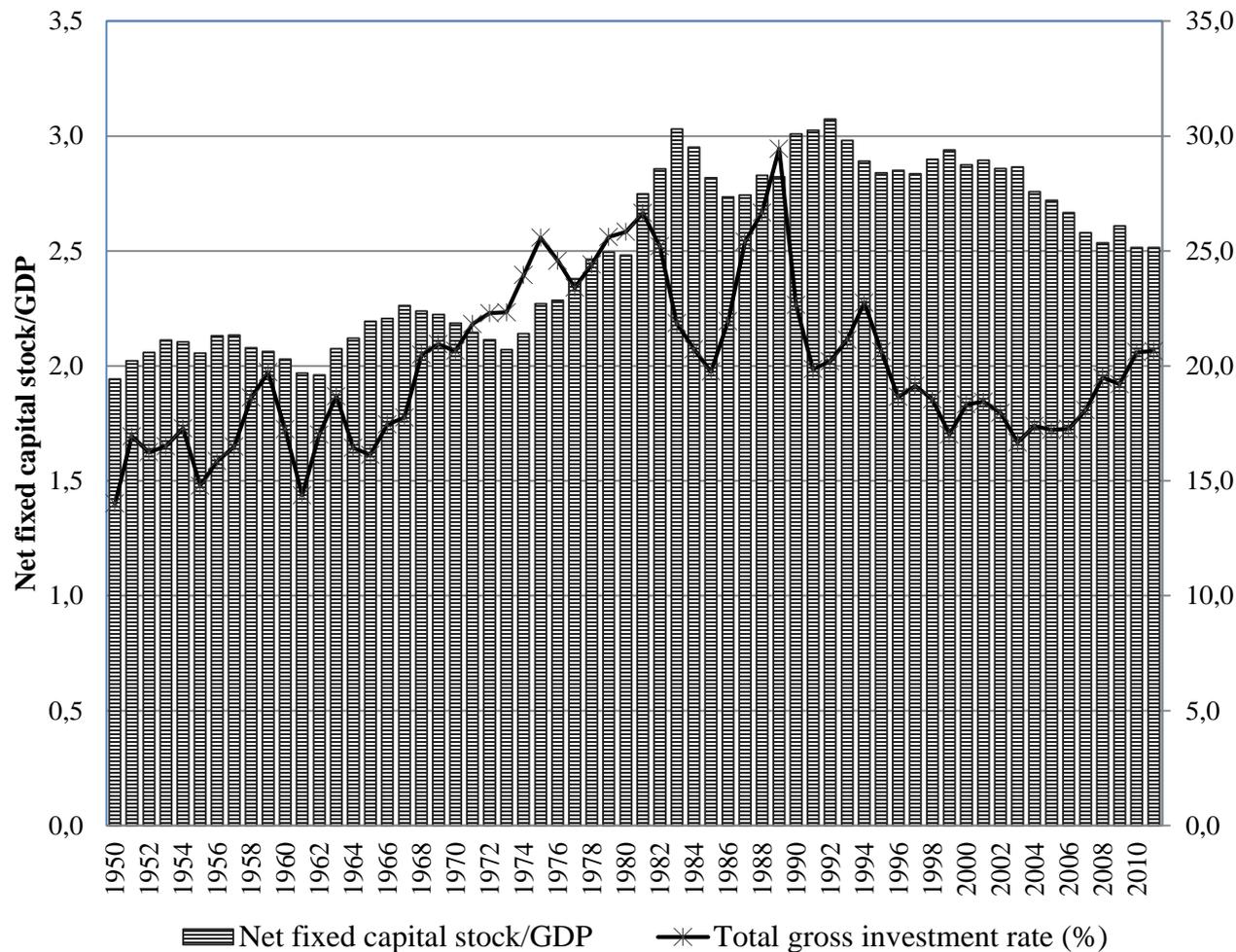
Política macroeconômicas de curto prazo têm efeito permanente sobre o comportamento da economia no longo prazo - Keynes (1936).

Taxas de câmbio reais e taxas de juros reais no Brasil (1999-2018)



Source: Central Bank of Brazil for short-term nominal interest rates and real effective exchange rate indices. Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) for consumer inflation rate (IPCA). Real interest rates (SELIC) calculated by the authors and deflated by IPCA.

Estoque de capital líquido como proporção do PIB preços de 2010, e taxa de investimento (em percentual do PIB), 1950-2011



Queda tendencial
da taxa de
investimento após
1990 refletiu-se
na perda da relação
capital-produto (em
termos agregados)

Objetivo: calcular, decompor e analisar o comportamento da produtividade do trabalho no Brasil no período 1950-2011.

Base de dados: Groningen Growth and Development Center (GGDC)

Agrupamos os 9 setores da GGDC em 5:

- 1) Agricultura e Mineração;
- 2) Indústria de Transformação;
- 3) Construção e Infraestrutura Energética;
- 4) Serviços de Baixa Qualificação da Mão de Obra (comércio, restaurantes & hotéis, serviços governamentais, serviços urbanos e pessoais);
- 5) Serviços de Alta Qualificação da Mão de Obra (transporte, estocagem e comunicações, finanças e seguro, propriedades e negócios).

Brasil: do crescimento à estagnação à econômica

11

Produtividade no Brasil: Crescimento médio anual (em %) 1950-2011

	Agriculture and Mining	Manufacturing	Construction and Energetic infrastructure	Services of low skilled labor	Services of high skilled labor	Total economy	
1950-1979	3.2	4.1	2.2	1.1	3.6	4.4	} Crescimento
1980-1994	1.6	-1.7	0.4	-2.2	-1.4	-0.9	
1995-2011	4.9	1.2	-0.8	0.0	-1.1	0.8	
1950-2011	3.7	2.0	1.2	-0.1	0.8	2.1	
2012-2018*	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	-0.4	
1995-2018*	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	0.2	

Fonte: Nassif et.al. (2019, a publicar)

Brasil: decomposição do crescimento da produtividade (1950-2011)

Crescimento da produtividade resultante da soma de 2 componentes (Mc Millan e Rodrik, 2011):

1º) Efeito *within* (efeito setorial): crescimento da produtividade emana das características do próprio setor

2º) Efeito *between* (efeito “mudança estrutural”): crescimento da produtividade emana do deslocamento de recursos (sobretudo trabalhadores) dos setores de baixa para os de alta produtividade.

Para um país em desenvolvimento:

1º caso: redutor de crescimento (*growth-reducing*), se não houver também significativos efeitos de “mudança estrutural”.

2º caso: indutor de crescimento (*growth-enhancing*).

Brasil: decomposição do crescimento da produtividade (1950-2011)

$$\Delta Y_t = \sum_{i=n} \theta_{i,t-k} \Delta y_{i,t} + \sum_{i=n} y_{i,t} \Delta \theta_{i,t}$$

Efeito within
(intrasetorial)
Efeito
"structural change"

Y_t = produtividade do trabalho da economia;

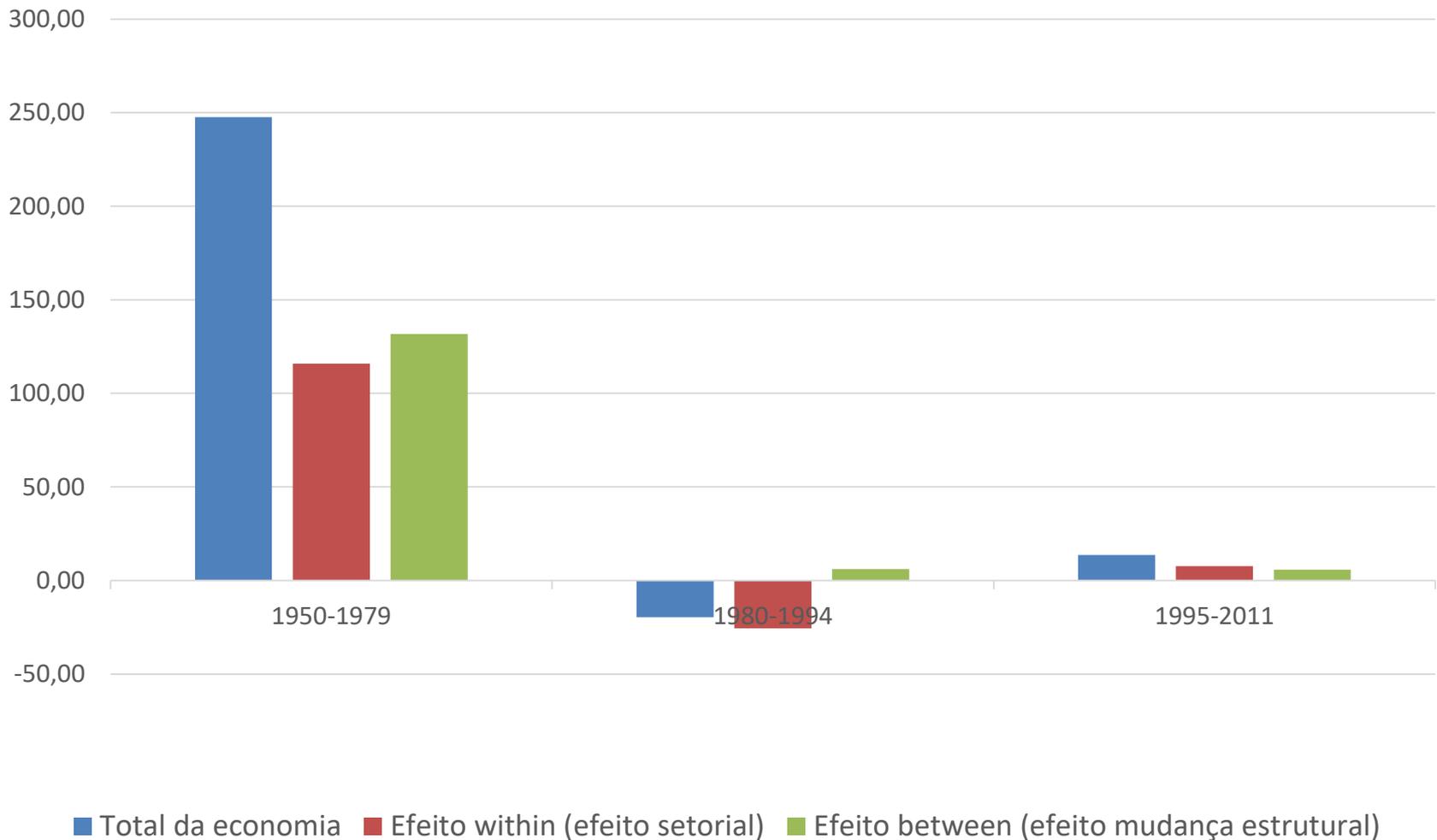
$y_{i,t}$ = produtividade do trabalho do setor i ;

$\theta_{i,t}$ = participação do emprego no setor i ;

Δ = variação ocorrida entre um período e outro;

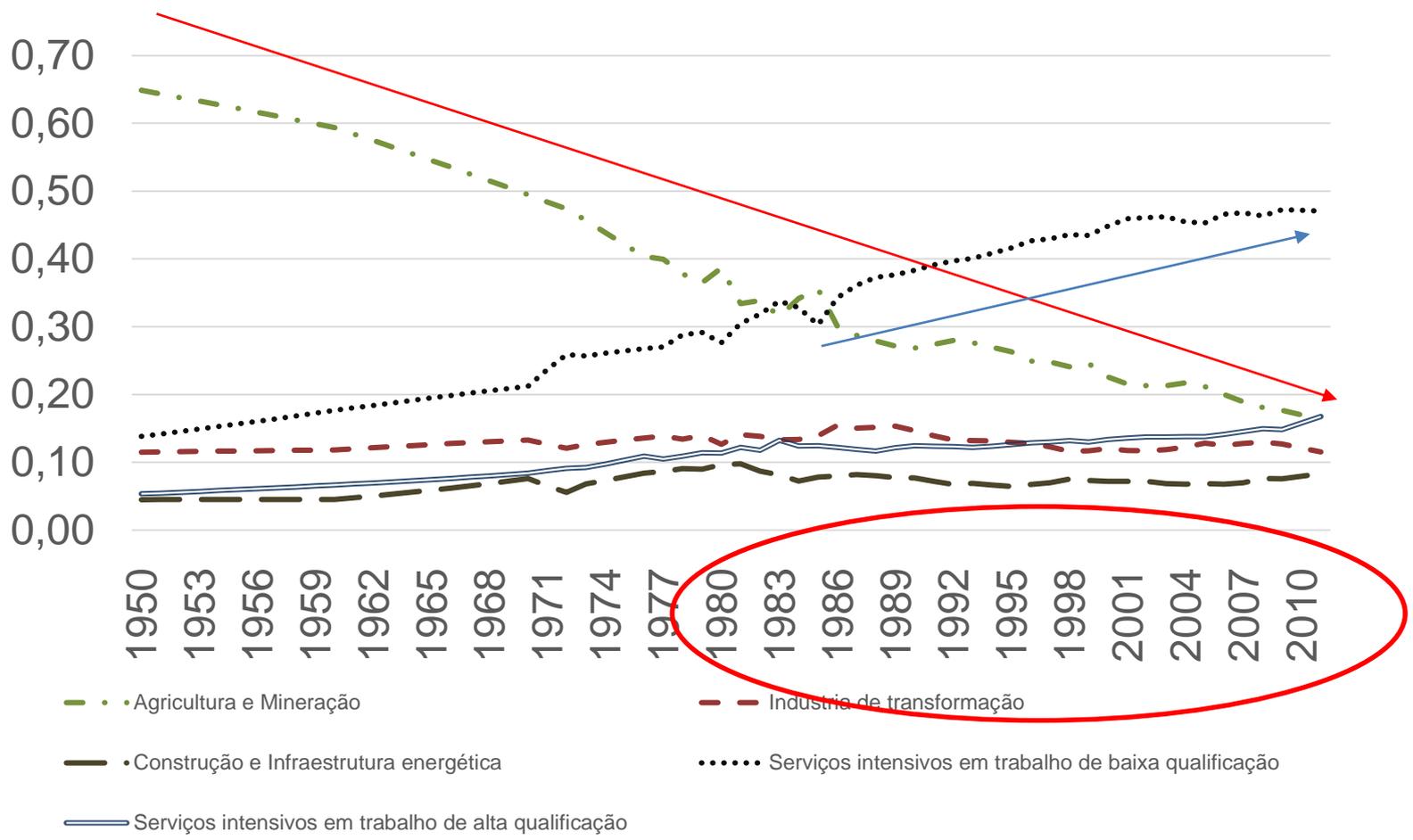
t = tempo.

Brasil: decomposição do crescimento da produtividade (percentual acumulado no período 1950-2011)



Fonte: Nassif et.al. (2019, a publicar)

Brasil: como foi a dinâmica da participação do emprego sectorial no emprego total?



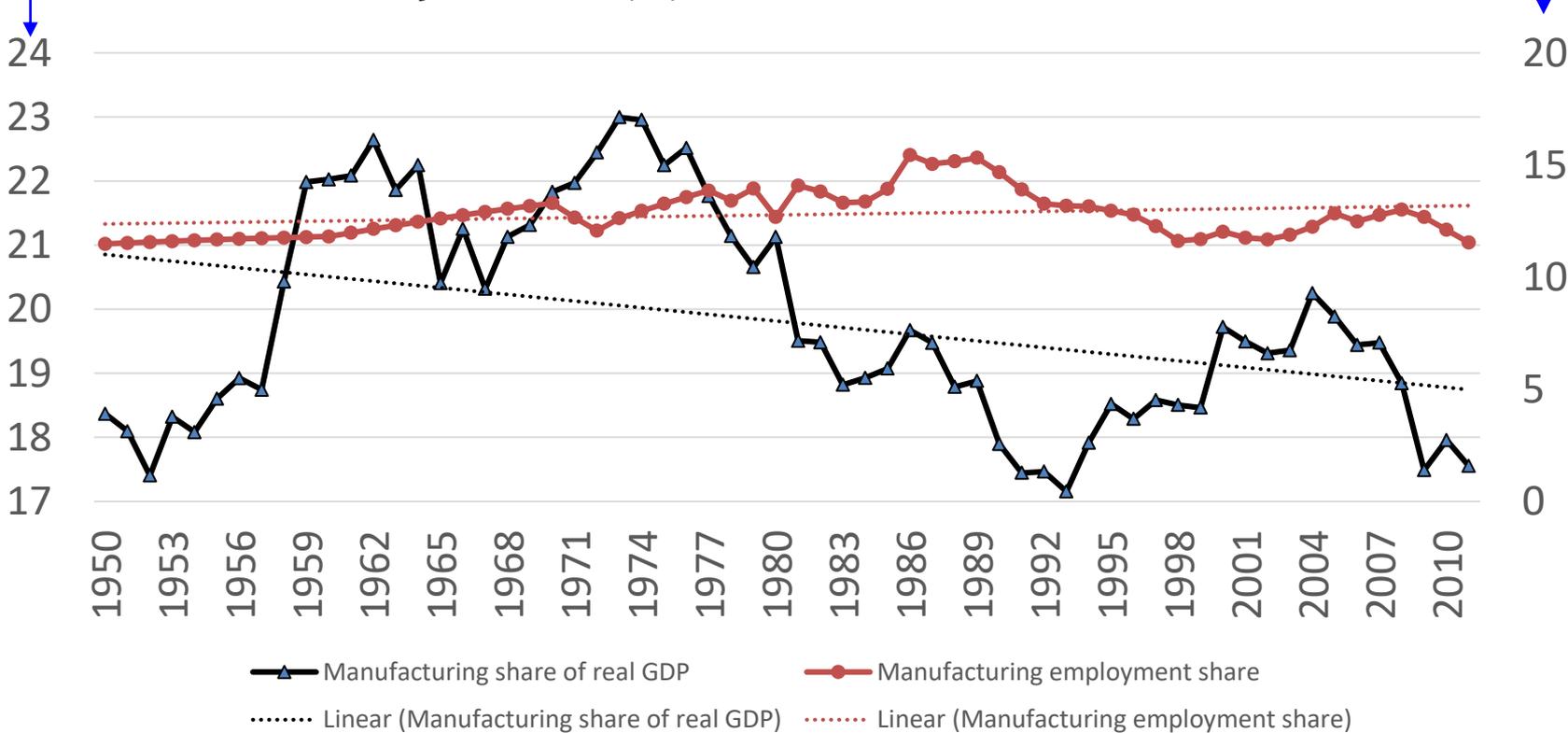
Fonte: Nassif et.al. (2019, a publicar)

Precarização do emprego e estagnação da produtividade nas “décadas perdidas”

Desindustrialização prematura após 1980: alguma recuperação do setor industrial pós-1990, mas nova regressão após 2004

Parcela do valor adicionado (em termos reais) da indústria de transformação no PIB (%)

Parcela do emprego industrial no emprego total (%)



Ou seja, a desindustrialização prematura no Brasil é um fenômeno representado por perda de participação da indústria no PIB, e não por perda do emprego industrial no emprego total, que tende a ser típico da desindustrialização de países desenvolvidos, por conta do efeito do progresso tecnológico (Kaldor, 1966; Rowthorn and Ramaswani, 1999; UNCTAD, 2003; Palma (2005).

O que explica a estagnação da produtividade no Brasil?

Regressões em OLS (mínimos quadrados ordinários): período 1995-2011

Variáveis explicativas micro e macroeconômicas relacionadas à estrutura da economia brasileira

Estagnação da produtividade

Variáveis explicativas das regressões econométricas

Variáveis dependentes: taxa de crescimento média da produtividade agregada, componente “mudança estrutural” e componente “within”

Notação	Variáveis explicativas	Sinal esperado do coeficiente estimado
LOGLABORSHARE	Participação do emprego nos segmentos de serviços de baixa qualificação em relação ao emprego total	- (negativo)
LOGPRIMARYEXPORTS	Participação das exportações de bens primários no total exportado	- (negativo)
LOGREAL INTEREST	Taxa de juros real (Selic deflacionada pelo IPCA)	- (negativo)
LOGREER	Taxa de câmbio real	+ (positivo)
LOGTARIFF	Tarifa média de importação	+/- (ambíguo)
LOGOPEN	Grau de abertura commercial (Exportações mais importações / PIB)	+/- (ambíguo)

Fonte: Nassif et.al. (2019, a publicar)

Estagnação da produtividade

	Regressions 1: Dependent variable			Regressions 2: Dependent variable			Regressions 3: Dependent variable	
	Overall labor productivity growth			Structural change effects			Within effects	
	Model 1	Model 2	Model 3	Model 1	Model 2	model 3	Model 1	Model 2
c	-1.73 [-0.12]	-9.35* [-1.82]	-9.88*** [-3.08]	-2.026 [-0.41]	-2.87* [-1.64]	-2.085** [-1.88]	-0.23 [-0.01]	-6.77 [-1.42]
Labor share	-3.1 [-0.59]			-0.343 [-0.18]			-2.66 [-0.54]	
Trade openness	1.618* [1.82]	1.90** [2.66]	1.95*** [3.32]	0.556* [1.84]	0.598** [2.45]	0.524** [2.56]	1.07** [1.30]	1.32** [1.99]
Prim exports	-2.55*** [-3.76]	-2.62*** [-4.40]	-2.64*** [-4.29]	- 0.738*** [-3.12]	- 0.745*** [-3.36]	- 0.725*** [-3.40]	-1.82** [-2.87]	-1.88*** [-3.11]
Real interest	-0.52** [-2.38]	-0.53** [-2.50]	-0.53** [-2.60]	-0.16** [-2.08]	-0.161** [-2.20]	-0.163** [-2.31]	-0.36* [-1.78]	-0.37** [-1.88]
REER	3.47*** [4.41]	3.28*** [4.71]	3.31*** [5.40]	0.873*** [3.20]	0.853*** [3.59]	0.797*** [3.75]	2.62*** [3.58]	2.46*** [3.81]
Tariff	0.21 [0.22]	-0.10 [-0.13]		0.192 [0.57]	0.157 [0.59]		0.04 [0.04]	-0.23 [-0.31]
R2	0.75	0.75	0.74	0.59	0.58	0.57	0.68	0.65
F test	5.06	6.64	8.69	2.41	3.15	4.07	3.61	4.57
Prob.	0.01	0.00	0.00	0.10	0.05	0.02	0.03	0.01
DW	2.29	2.23	2.22	1.99	2.02	2.12	2.17	2.13

Estagnação: fatores Explicativos após 1995

1) Tx de câmbio real (tendência à sobrevalorização do Real brasileiro)

2) Reprimarização das exportações

3) Baixo grau de abertura commercial

4) Elevadas txs de juros reais no período

Note: OLS coefficients, "t" statistics between brackets
 ***: Significant at 1% level; **: significant at 5% level; *: significant at 10% level.
 Source: Estimated by the authors according to the OLS model.

O que fazer?

1) Políticas industriais e tecnológicas (aí incluídas política de infraestrutura física e humana, i.e., educação);

2) Mudança do regime macroeconômico, ou seja, mudança do manejo do chamado tripé macroeconômico (regime de câmbio flutuante; metas de inflação; metas para superávit primário), com o objetivo de reverter a tendência de estagnação, permitindo manter taxas de juros reais baixas e **IMPEDIR** que o Real brasileiro fique tendencialmente **SOBREVALORIZADO** em relação ao dólar e demais moedas dos principais parceiros comerciais).

Num mundo de globalização financeira e ampla abertura ao movimento de capitais, os policy-makers dos países periféricos NÃO têm autonomia para a prática da política monetária (Rey, 2013)

Restrito espaço para que as políticas monetárias fixem taxas de juros “normais” (taxas reais abaixo das taxas médias de retorno sobre o capital) devido à elevada abertura aos fluxos de capitais (Rey 2013)

1) Dinâmica do ciclo financeiro global (e também da incerteza global) determinada pela política monetária do centro hegemônico, i.e., pelo FED-USA (Rey, 2013);

Fase de bonança: FED reduz a taxa de juros básica de curto prazo (FED-Funds) e mundo é inundado por elevado fluxo de liquidez  Taxas de câmbio dos países periféricos são pressionadas para baixo (ciclo de apreciação real);

2) Forte correlação negativa entre incerteza (*VIX-Chicago Board Options Exchange*, maior mercado de opções dos Estados Unidos) e fluxos de capitais (Rey, 2013).

3) Fluxos de capitais e de crédito globais crescem dramaticamente quando a incerteza é baixa ou moderada, mas colapsam quando dispara o *VIX* (Rey, 2013).

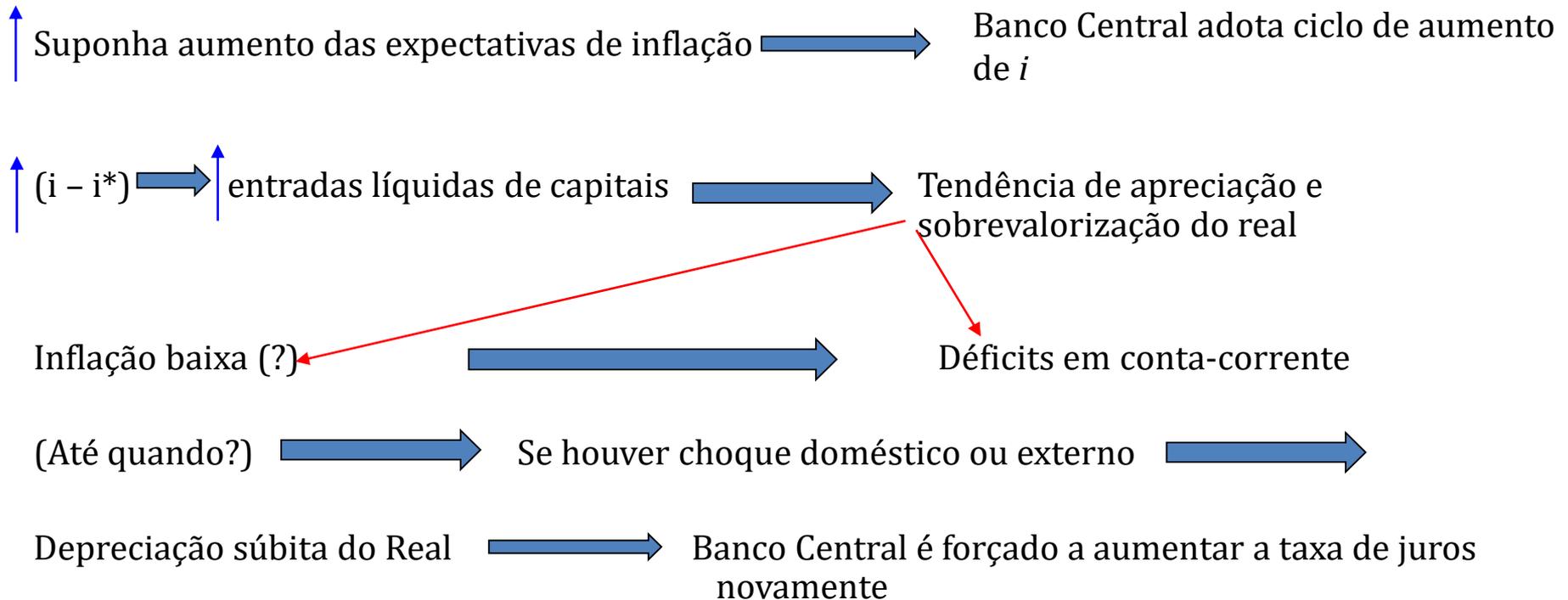
4) Impossível países periféricos terem política monetária autônoma nesse contexto de ampla abertura ao movimento de capitais. Para Rey (2013), países periféricos enfrentam um “dilema”: só é possível restaurar alguma autonomia de política monetária se houver alguma forma de controle das maciças entradas e saídas de capitais.

5) Brasil é um dos países periféricos mais afetados adversamente pelo seu elevado grau de abertura financeira externa e pela alta volatilidade de seus movimentos de capital.

A dinâmica do tripé macroeconômico (1999-2019):

Considere a equação da paridade a descoberto da taxa de juros:

$$(i - i^*) = e^e + RP$$



NO LONGO PRAZO, NEM ESTABILIDADE DE PREÇOS NEM CRESCIMENTO! 23

Qual regime macroeconômico?

- 1) Regime de metas de inflação: metas flexíveis, i.e, várias metas (e não só uma, a meta de inflação) e vários instrumentos (não só um único instrumento - taxa de juros nominal)
- 2) Política fiscal: contra-cíclica; ajuste fiscal que contemple não só gastos primários, mas também receitas esperadas do governo (Índia faz ajuste fiscal de longo prazo mirando a redução do déficit nominal, que inclui gastos com juros);
Revisão do teto de gastos, com criação de regra de ajuste fiscal de longo prazo que crie cláusula de escape para a ampliação de investimentos públicos.
- 3) Política cambial pró-ativa: Banco Central não deveria tolerar sobrevalorização por muito tempo (controles de capitais?).

OBRIGADO!

andrenassif27@gmail.com